

**ESCREVIVÊNCIAS FILOSÓFICAS COM AS CABAÇAS ANCESTRAIS
CONCEIÇÃO EVARISTO E PAULINA CHIZIANE**

**PHILOSOPHICAL WRITINGS WITH ANCESTRAL GOURDS
CONCEIÇÃO EVARISTO AND PAULINA CHIZIANE**

Adilbênia Freire Machado

DOI: https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2023v25n1_a01

Resumo: Esse ensaio tem o intuito de dialogar com perspectivas filosóficas presentes no pensamento literário das cabaças ancestrais, posto serem mais velhas que abrem e semeiam caminhos para pessoas mais novas sempre em uma relação ancestral e encantada com nossos saberes e fazeres afrorreferenciados, a mineira Conceição Evaristo e a moçambicana Paulina Chiziane. Assim, faremos um passeio pelo atlântico, dialogando com *vozes-mulheres* de África e de sua Diáspora. Nesse sentido, as escrituras literárias filosóficas dessas filósofas da sagacidade serão guia para movimentos de pertencimento e de enraizamento, posto as mulheres serem como *o centro da terra, e é no centro da terra que se encontra a vida*. Portanto, teceremos movimentos ancestrais e encantados bordados por saberes ancestrais femininos.

Palavras-Chave: Filosofia da Sagacidade; Pensamento Afrorreferenciado; Literatura Feminina; Vozes Ancestrais; TransforAmar.

Abstract: This essay aims to engage in a dialog with the philosophical perspectives present in the literary thinking of the ancestral gourds, since they are older women who open up and sow paths for younger people, always in an ancestral and enchanted relationship with our Afro-referenced knowledge and practices: Conceição Evaristo from Minas Gerais and Paulina Chiziane from Mozambique. Thus, we will take a trip across the Atlantic, dialoguing with women-voices from Africa and its Diaspora. In this sense, the philosophical literary writings of these philosophers of wit will guide movements of belonging and rootedness, since women are like the center of the earth and it is in the center of the earth that life is found. Therefore, we will weave ancestral and enchanted movements embroidered with ancestral feminine knowledge.

Keywords: Philosophy of Sagacity; Afroreferenced Thought; Women's Literature; Ancestral Voices; TransforAmar.

Na mulher, o tempo...

A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas (só as visíveis) sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
- dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render.
Viu os dias gastos
em momentos renovados
d'esperança nascitura.
Viu seu ventre eterno grávido,
Salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
em revitalizado brilho.

E viu nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvres nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz-mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo
no tempo.

E só,
só ela, a mulher,
alisou as rugas dos dias
e sapiente adivinhou:
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,
ele se guardou de uma mulher
a outra...

E só,
não mais só,
recolheu o só

da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.
Conceição Evaristo

Alinhavos Iniciais

*“há livros morando em cada uma de suas expressões
Livros que contam sobre uma mulher
Que é uma em muitas
Muitas em uma...”*
Ryane Leão

Tecer bordados em torno de perspectivas filosóficas presentes na literatura de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane é folhear livros que moram nas dobras de nossos corpos territórios e ancestrais, é ouvir a multiplicidade que nos compõe, é, antes de tudo, ouvir a ancestralidade que nos habita e encantar-se com ela, por isso é cura. Portanto, esse ensaio atrever-se-á a dialogar com saberes dessas mulheres cabaças, bordando perspectivas filosóficas ancestrais, encantadas, de libertação e cura, para o *transformar*.

Conceição Evaristo diz que foi a oralidade que lhe deu o encantamento pela palavra, o que acabou a levando para a escrita e preparou sua sensibilidade para “colher os fatos do mundo”¹. Paulina Chiziane² diz que não sabe como tornou-se escritora, afirmando: “a escrita escolheu-me, da mesma forma que a natureza me tornou mulher”. E assim como nossa Conceição, Paulina reconhece suas vivências como condutora para este caminho, ela diz: “Posso confirmar que a minha vivência também contribuiu para conduzir-me a este caminho”³. Vivências tecidas na e pela oralidade. Na oralidade que mora nossa ancestralidade! Escrevivências!

Mãe Stella de Oxóssi nos lembra que a “aquisição da escrita pela humanidade é um ganho, e não uma perda”⁴ e que “o que se registra, por escrito, permanece! Porém, nunca é demais lembrar que, apesar da importância da escrita na comunicação, o conhecimento

¹ Voltaremos a essa afirmação mais a frente.

² Chiziane, 2016, p. 15.

³ Chiziane, 2016, p. 15.

⁴ Chiziane, 2016, p. 15.

transmitido pela oralidade...”⁵ é fundamental, “principalmente porque o conhecimento passado por um[a] mais velho[a] está cheio de emoções, de sentimentos e, conseqüentemente, de Àse.”⁶. Esses conhecimentos estão regidos por memórias ancestrais que promovem autoconhecimento, fortalecimento, enraizamento, cura. Assim, é necessário nos “apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais”⁷.

Esse processo também leva à descolonização da nossa linguagem, pois, como bem afirma Paulina Chiziane⁸, “É na língua portuguesa que eu expresso os meus sentimentos e me afirmo diante do mundo. Mas eu gostaria que a língua fosse de todos (...). A língua portuguesa, para ser definitivamente nossa, precisa de um tratamento, de uma limpeza, de uma descolonização”. Portanto, a literatura filosófica dessas mulheres está profundamente implicada com a descolonização, mais ainda, com a contracolônização, ou seja, com a reedição de “nossas trajetórias a partir de nossas matrizes”, como nos ensina outro mestre, nosso Nego Bispo⁹.

É nessa perspectiva que venho trabalhando com vozes-mulheres para apontar caminhos filosóficos afrorreferenciados que buscam continuamente criar potências de libertação, enraizamento, pertencimento, cura, isto é, encantamento. Movimento também necessário para nossa própria humanização e potencialização, enquanto mulheres e, fundamentalmente, enquanto mulheres negras. Nesse sentido, é fundante nos definirmos, desde nós mesmas e de nossas construções comunitárias e espirituais, pois “mulheres africanas [de África e de suas diásporas] possuíam [possuem] um aguçado sentido de valor próprio. Nesse sentido, a necessidade de reconstruir o legado da mulher negra provém de séculos de desvalorização e da literatura que as definiu como vítimas”, como nos ensina Katherine Bankole¹⁰.

⁵ Santos, 2010, p. 54. Mãe Stella de Oxóssi é Maria Stella de Azevedo Santos.

⁶ Santos, 2010, p. 90.

⁷ Evaristo, 2020, p. 30

⁸ Evaristo, 2020, p. 30

⁹ Santos, 2018, on-line. Nego Bispo é nosso mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos.

¹⁰ Bankole, 2009, p. 258.

É fundante acordarmos esse aguçado sentido de valor próprio tecido por nossas ancestrais, portanto, é a escuta sensível, que começa na ancestralidade que nos habita, o caminho para esse acordar. Logo, é necessário ouvir nossas sabedorias ancestrais, para fortalecermos o ser mulher que se forja

lutando com experiências profundamente racistas e sexistas. As mulheres levantaram sua voz quando puderam, definindo liberdades fora dos contextos de raça, gênero e classe. Para isso empregaram a ação direta, a palavra e o silêncio como armas alternativas ou integradas¹¹.

Somos tecidas pela complementariedade, por uma espiritualidade comunitária, desejo de promover justiça social gestadas pela ética do cuidado¹². Os saberes ancestrais femininos são implicados em “servir a comunidade a fim de atingir a liberdade e melhorar a qualidade de vida da população negra”¹³, servir e não servidão, cuidar! É ancestral, comunitário, portanto, encantado!

Nesse sentido, compreendo que as filosofias africanas, afrorreferenciadas, são tecidas por sabedorias ancestrais femininas, pois compreendemos que a mulher é o centro da vida/terra e “da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período de gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra”¹⁴. A mulher aqui representa o feminino que é coletivo; coletivo que fala, expressa a existência humana, cuida, cria, co-cria, gera, expande, acolhe; é comunitário e ancestral, por isso, cabaças das existências¹⁵. Feminino que habita todas as pessoas, pois é a potencialização da vida, da existência, do criar, do co-criar, do ser, do viver em comunidade, do encantamento, da ancestralidade! O feminino é a natureza em nós, é a terra em nós, pois, como nos ensina Vanda Machado:

a terra, a água, a natureza são manifestações de princípios ancestrais construtores dos seres humanos. **A terra é mãe, é mulher, é generosa, é sedutora.** A terra se enfeita e se aquece, se oferece para receber a chuva, sêmen que molha e deixa exalar um cheiro de vida. A terra é viva e abre suas

¹¹ Bankole, 2009, p. 273.

¹² Bankole, 2009, p. 273.

¹³ Bankole, 2009, p. 273.

¹⁴ Bankole, 2009, p. 273.

¹⁵ Machado, 2020.

entranhas para receber novas sementes, novas folhas, novos frutos. A terra é próspera. **A terra é sagrada.** Cada pedaço de terra, por menor que seja, por certo é uma síntese do mundo, uma referência de vida, assim como a água¹⁶.

Somos terra, águas que moldam esse mundo... co-criadoras! A literatura, assim como a filosofia, é lugar de criação, de co-criação, de reflexões críticas, de ação, de políticas de resistências e re-existências, de políticas do afeto. Conceição Evaristo e Paulina Chiziane são pensadoras que *nasceram rodeadas de palavras e não de livros*, mas encontraram na escrita a potencialidade do pensamento africano tecido pela esteira, pela ancestralidade. Portanto, a literatura dessas mulheres são movimentos políticos e encantados de resistências e re-existências, filosofias da/para a vida. Inclusive, desde o próprio ato de escrever e publicar, pois sabemos, concordando com Conceição Evaristo, que,

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social¹⁷.

É nesse sentido, imbuídas em políticas de resistências contra o epistemicídio, o racismo e o sexismo, dentre tantos outros movimentos, que a literatura dessas mulheres nos apresenta diversas perspectivas filosóficas antirracistas, antissexistas, de cura e libertação. Assim, pergunto-lhes: podem contadoras de histórias filosofar?

Escrevendo com Conceição Evaristo: uma baobá dos tempos passados, presentes e futuros

A mineira Maria da Conceição Evaristo de Brito, nossa Conceição Evaristo, nasceu em uma favela em Belo Horizonte (MG) em novembro de 1946. É a segunda filha de nove

¹⁶ Machado, 2013, p. 78, grifos meus.

¹⁷ 2017a, pp. 8-9.

irmãos. Trabalhou como *empregada doméstica* e somente aos 25 anos concluiu o curso normal. No ano de 1973, mudou-se para o Rio de Janeiro, passou em um concurso público para o magistério e, em 1987, passou no vestibular para graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1990, mesmo ano em que estreou na literatura. Em 1996, concluiu seu mestrado em Letras-Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ) e, em 2011, concluiu o doutorado em Letras-Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Conceição tem diversos livros nos gêneros da poesia, do romance, dos contos e dos ensaios, denunciando o racismo, as diversas discriminações raciais, de gênero e classe. Seu trabalho tem sido reconhecido, tardiamente, no Brasil e em diversos países.

Nesse texto, quero trazer seu conceito *Escrevivência*, pois tenho o compreendido como um dos conceitos filosóficos mais potentes da atualidade, posto ser movimento que fala de nossas histórias desde o nosso chão, nosso próprio ser-tão¹⁸, fala de nossos sentidos e sentimentos¹⁹, estéticas do nosso ser/estar no mundo. Nossas vivências – experiências, nossos saberes. É o nosso modo de aprender / contar / ensinar / transmitir / cuidar / curar desde nossas experiências, nossas vivências, nossos saberes. É estético, filosófico, histórico, geográfico, literário, metodológico. É mais, é plural, feminino, interseccional.

Conceição Evaristo afirma que o

conceito estético que está fundado no termo que eu uso, “*escrevivência*”, nasce de um processo muito ligado à História. A História dos africanos nas Américas. Muito relacionado à própria figura da mulher, que era escravizada dentro da Casa Grande. [...] **a nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande e sim para acordá-los dos seus sonhos injustos.** Por quê? O pano de fundo era justamente essa imagem que teve a mãe preta na colonização. Um dos papéis dessa mulher era justamente contar histórias para adormecer a prole colonizadora. É uma mulher que a palavra dela ainda era marcada pelo processo da escravidão. Ela era obrigada a acalantar os meninos da Casa Grande, contando histórias. Eu imagino, eu projeto essa nossa escrita, essa autoria negra, tendo justamente uma função contrária²⁰.

¹⁸ Machado, 2021, 2020.

¹⁹Parte do texto aqui apresentado encontra-se na tese de doutorado “Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados” defendida por mim no ano de 2019 (Machado, 2019).

²⁰ Evaristo, 2018, on-line, grifos meus.

Em outro movimento, volta a essa perspectiva reafirmando o porquê da imagem fundante, geradora desse conceito ser a figura da Mãe Preta:

a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras (...). E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo ²¹.

Nesse sentido, a voz plural e ancestral de Conceição Evaristo nos faz compreender Escrevivência como “fenômeno diaspórico e universal”²². Conceito filosófico fundante para nos inspirar e impulsionar a reescrever nossa história, assim, é costurado, desenhado, bordado, forjado, marcado, gerado, criado desde a ética da existência, da resistência, da re-existência. É ética do encantamento, pois é estética da vida que desenha não apenas nossas vivências e experiências, mas também nossas escritas, fundamentando nossas epistemologias que estão nas escrituras do mundo. É preciso ouvir e aprender a ler outras formas... ouvir o que não é falado, ler o que não é escrito, escrever o que não se diz. Dona Maria Toinha, uma mulher dos encantos, ensina:

Olho para meu rosto, com a ajuda das minhas mãos sinto as marcas que se escavaram com o tempo. Estas marcas são provas do que me aconteceu... são o registro do tempo na minha pele. Estas marcas contam as minhas estórias de um jeito melhor do que eu poderia dizer. Escute-as, antes de escrever. Elas dirão aquilo que minha voz não é capaz de falar ²³.

Conceição Evaristo diz que sua escrevivência “parte muito daquilo que eu conheço das mulheres negras, daquilo que eu sou”²⁴, é um projeto estético que “vai ligar com o desejo

²¹ Evaristo, 2020, p. 29-30.

²² Evaristo, 2020.

²³ Santos; Santos, 2020, p. 24.

²⁴ Evaristo, 2018b, on-line

de lidar com outras palavras. Eu quero levar para o texto literário palavras bantas, ditados, uma outra compreensão, uma outra maneira de se postar no mundo” (Idem). Escrevivência, estéticas de sentidos implicadas na contracolônização, na potencialização dos nossos saberes ancestrais, das filosofias afroreferenciadas que em seu útero carregam sabedorias próprias da terra, dos povos africanos e indígenas! Seres tecidos pela ancestralidade do centro da terra. Conceição Evaristo é mulher encantada que nos diz:

tudo que escrevo, crítica, ensaio, escrita literária, toda minha criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, **nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência**. Escrevo uma vivência, que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se con(fundir) com a minha²⁵.

Nossas escrevivências são os entrelaçamentos de nossos encontros e desencontros, encantos e desencantos; o entrelaçamento do nosso experimentar o mundo. Elas são chamadas para refletirmos acerca de nossas vivências e, assim, transformá-las em experiências, em conhecimentos, em sabedorias. Sabedorias em práticas, em ação. Ação em encanto, pois o encantamento é implicação maior com a vida, com sua potencialização. Refletir é ouvir nossos sentidos, percebê-los, senti-los. Os aprendizados oriundos de nossas escutas sensíveis, nunca são individuais, pois somos seres comunitários, assim, nossa subjetividade é tecida comunitariamente. Conceição Evaristo diz que:

a oralidade foi importante no sentido de apurar o ouvido. Eu não tenho nenhum jeito para a música, não sei tocar nada, mas todo mundo diz que meu texto é muito musical. **A oralidade me deu o encantamento pela palavra**. Eu tenho dito que escritor[a] é um fofoqueiro[a]. Eu adoro escutar histórias. Hoje, então, com o celular, que as pessoas ficam contando coisas, eu sempre fico muito ligada. **A oralidade me preparou essa sensibilidade para colher os fatos do mundo**. (2018b, Grifos meus).

A escuta sensível apura não apenas nossos ouvidos, nossas “oiças”, mas também nosso jeito de olhar (nossos olhares), de perceber e de sentir, por isso a oralidade nos dá encantamento pela palavra, inclusive as que não são ditas. E é nessa sensibilidade para

²⁵ Evaristo, 2017, p. 07, grifo meu.

“colher os fatos do mundo” que encontramos poéticas do encantamento oriundas da escuta de nossas ancestrais, de nossas cabaças das existências.

Geralmente nossos primeiros contatos não apenas com a literatura, mas com diversos conhecimentos, inclusive com a filosofia, são oriundos das contações de histórias. Eu sou tecida por avós, avôs, pai, mães, tias, tios, vizinhas que contavam muitas histórias. Nossa escritora da escrevivência diz:

meu primeiro contato com a literatura é a literatura oral. Foi essa contação de história. Às vezes, eu escuto uma palavra e ela, pela sonoridade, me desperta. [Eu ouvia essas histórias] da minha mãe, minha tia, um tio velhinho que eu tinha em casa, de todo o entorno. **Acho que uma das grandes riquezas no povo é essa possibilidade de fala, esse brincar com a palavra, essa piada que nasce das coisas mais tristes.** Eu tenho pensado muito, **a palavra, independente de ser escrita ou não, pode ser extremamente libertadora.** Assim como pode ser castradora, impositiva, pode ser libertadora ²⁶.

A escrevivência é tecida pela *escuta sensível*. Tal escuta é oriunda da abertura para a existência em toda a sua complexidade. Busca por uma liberdade coletiva, concreta, portanto, é amor e cura, pois é escuta que começa em nós, na na nossa intimidade, ouvindo nossa ancestralidade, por isso é transformação crocheteada pelo *transforamar*, é comunitária, pois só existimos em comunidade, em relação... e em harmonia com a natureza que é o que nos permite a vida!

Segundo bell hooks²⁷, “despertar para o amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão pelo poder e pela dominação. [...] Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente”. As poéticas de encantamento, oriundas desse encontro / encruzilhamento com a ancestralidade afrorreferenciada, são tecidas pela ética do bem-viver, pela liberdade plena, pela busca e pela construção da emancipação inteira, de corpo inteiro! Portanto, precisamos transformar, *transforamar*, compreendendo que “para trazer a ética amorosa para todas as dimensões de nossa vida, nossa sociedade precisaria abraçar a mudança” (Ibid). Escrevivência pressupõe a escuta sensível que se faz por meio de uma ética amorosa, e

²⁶ Evaristo, 2018b, on-line, grifos meus.

²⁷ Hooks, 2020, p. 123.

Para vivermos nossa vida com base em princípios de uma ética amorosa (demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar), temos de ser corajosos[a]. Aprender como encarar nossos medos é uma das formas de abraçar o amor. Talvez nosso medo não vá embora, mas já não ficará no caminho. Aquel[a]s de nós que já escolheram adotar uma ética amorosa, permitindo que ela governe e oriente o modo como pensamos e agimos, sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que também mantêm sua chama acesa. Não estamos sozinhos[a]²⁸.

Escrever é movimento próprio do/para transformar, movimento de cura e de encantos; de ouvir e de aprender desde a esteira. Mãe Stella de Oxóssi afirma que:

Ensina quem pode e aprende quem for inteligente, humilde, sábio, e tiver boa vontade. Os[as] velhos[as] são arquivos vivos, testemunhas de fatos emocionantes. Aprender e ensinar são atos constantes da vida. Ensinamos e aprendemos sempre. É importantíssima a transmissão do conhecimento²⁹.

Portanto, a potência filosófica da escrevivência, de sua cabaça gestora, está nesse ato próprio de aprender / ensinar / ouvir / sentir / transmitir/ curar, movimento de enraizamento e fortalecimento de nosso pertencimento. Por isso ser essencial a escuta a todas as pessoas, inclusive as mais novas, pois, como diz Mãe Stella de Oxóssi (Ibid), aprendemos com as pessoas mais novas posto que “a troca de ideias é tudo. Ninguém sabe tanto a ponto de dispensar debates sadios”³⁰.

Da Velha à Menina

Houve um tempo
em que a velha
bordava nos meus dias
os pontos mistérios
do meu viver.

E eram tantos os pontos
das cruzadas linhas
sombreadas, encadeados,

²⁸ hooks, 2020, p. 137.

²⁹ Santos, 2010, p. 102.

³⁰ Santos, 2010, p. 121.

pontos cheios e vazios
atrás, adiante, adiante.

Houve um tempo
em que a velha
temperando os meus dias
misturava o real e os sonhos
inventando alquimias.

E eram tantos os paladares
do mel ao amargo
e seu entremeio
do ácido ao favo
e seu entregosto
do escaldante ao frio
e seu entrelaço.

Houve um tempo
em que a velha me buscava
e eu menina, com os olhos
que ela me emprestava,
via por inteiro o coração da vida.

Houve um tempo em que eu velha...
houve um tempo em que eu menina...

Paulina Chiziane: mulher do centro da Terra, embondeira de nossas travessias afro-brasil

Filosofias

Dizem-se muitas mentiras em nome da Filosofia
Com palavras rebuscadas enrolam-se as mentes
Mente-se sobre raças, continentes e pessoas
E sacralizam-se os crimes contra a humanidade

As lutas pela liberdade não são apenas guerras
E nem terminam com o hastear das bandeiras
Lutar pela liberdade é desconstruir mentiras
Consagradas como verdades nas bibliotecas do mundo

Na nova etapa das nossas lutas
Quebramos as supostas verdades uma a uma
Quebraremos os mitos entre o animal e a raça
Mesmo que o trabalho dure uma eternidade

Somos a esperança e o futuro que se avizinha

Somos a nova semente no ventre do amanhã
Seremos árvore sagrada de raízes seculares
Cujos ramos tangerão o umbigo do infinito

Paulina Chiziane apresenta uma escrita encantada, implicada em políticas de libertação de seu povo, fundamentalmente das mulheres. Ela apresenta uma escrita de resistência, apontando poéticas de re-existências e libertação. Moçambicana nascida em junho de 1955, cresceu nos subúrbios da cidade de Maputo que se chamava Lourenço Marques. Foi participante ativa, durante sua juventude, da cena política de seu país, atuando na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Porém, deixa essa militância política não apenas para dedicar-se à escrita, mas também devido à decepção com a falta de apoio real da FRELIMO às mulheres, no que diz respeito às suas liberdades econômicas, a sua liberdade em todos os aspectos.

Em 1984, começa a publicar seus primeiros contos na imprensa moçambicana. Sua escrita denuncia o colonialismo, o machismo, o sexismo, a solidão e o silenciamento das mulheres. Em *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*, ela diz:

Aos seis anos de idade, abandonei o campo com meus pais e fomos viver no subúrbio da cidade. Entrei na escola católica. Apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo. A educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também ensinava a obediência e a submissão e preparava as raparigas para serem boas donas de casa, de acordo com os princípios cristãos³¹.

A escrita, então, é alimento, é o que preenche o vazio que atravessou sua vida, principalmente pelo papel dado à mulher, de negação de si para ser boa *dona de casa, esposa, mãe*. Desse modo, ela coloca no papel “aspirações da mulher no campo afetivo, para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas” (Ibid). Por conseguinte, que surge sua primeira obra, que também é o primeiro romance de uma mulher moçambicana, *Baladas de Amor ao Vento*, publicado em 1990. Ela diz que a sociedade recebeu seu livro da seguinte forma:

³¹ Chiziane, 2016, p. 17.

Primeiro, com ceticismo e muito desprezo da parte dos homens. Muitas pessoas acreditavam e ainda acreditam que a mulher não é capaz de escrever mais do que poeminhas de amor e cantigas de embalar. Considerando-me uma mulher frustrada, desesperada, destruída de razão. [...] forçaram-me a demonstrar, pela prática, que as mulheres podem escrever e escrever bem ³².

Sua escrita política está focada nas libertações diversas, ensinando-nos que refletir acerca das filosofias africanas desde saberes ancestrais femininos é voltar-se ao nosso chão, é aprender desde a esteira, ouvindo-nos, nos valorizando, promovendo afeto e potencialização do nosso ser/estar no mundo.

Paulina Chiziane diz quem quem escrever um livro “quer, de certo modo, exteriorizar o mundo que vê, o mundo que sonha, tentando trazer um ponto de equilíbrio para o meio que nos rodeia. Para mim a literatura continua sendo um meio onde negociamos a nossa dignidade”³³. Essa dignidade implica-se em valorizar e potencializar nossos saberes, contracolonizar, filosofar desde nosso próprio chão. Ela diz:

O defeito de muitos intelectuais africanos, hoje, é depender de matérias preparadas por outras pessoas. Durante mais de 500 anos os africanos foram ensinados a renegar-se. Quando se fala de ser negro, africano, conhecer a sua própria cultura, a pessoa salta em respeito dos dogmas que vêm com igrejas, religiões e formas de conhecimento estrangeiras, que ensinam que os africanos estão nas trevas, que o curandeirismo é coisa do diabo e que um bom cristão não deve tocar nisso. Objectivo: embranquecer as vossas mentes, obrigar-vos a curvarem-se diante deles, esvaziar os vossos bolsos, já pobres de natureza. Mas uma coisa é certa: nunca haverá uma filosofia africana, apenas a partir de um livro da Europa. A intelectualidade africana começa na esteira ³⁴.

A esteira é o chão que nos dá pertencimento; são nossas experiências, nossos saberes, nossos valores, nossos sentidos; portanto, é necessário voltar-se para a esteira, escrever nossas histórias. Histórias tecidas por *bocas e ouvidos dóceis*, ou seja, ouvidos que desejam sentir e aprender desde / com a ancestralidade e, assim, ouvir não apenas com

³² Chiziane, 2016, p. 21-22.

³³ Chiziane, 2016, on-line.

³⁴ Chiziane, 2014, on-line.

os ouvidos, mas com os sentidos, de corpo inteiro. Memórias ancestrais tecidas pelo nosso viver. Memórias em movimento para descolonizar, *transformar*.

Paulina Chiziane é certa ao dizer que não é possível produzirmos filosofias africanas desde livros da Europa, livros esses que não apenas negam nossos saberes, como também usurparam e usurpam muitos deles, epistemicídio, tais como a origem da própria filosofia. Livros que negam nossa própria humanidade, por isso é fundante escrevermos nossas próprias histórias, com suas singularidades, suas buscas, suas lutas, suas denúncias e seus anúncios... Sabemos que muitas vezes não temos liberdade para que nossas escritas filosóficas e/ou literárias tragam nossas vozes, nossas lutas, nossas resistências, nossas denúncias e nossos anúncios. Paulina diz:

A minha história é outra, é de muita luta. É uma história com guerras permanentes, desde o início da minha carreira. Quando escrevi *Balada de amor ao vento*, surgiram vozes a dizer que não deveria escrever sobre mitos. Publiquei *O 7º juramento*, o fogo foi maior. Já me chamaram romancista, disse que não era; chamaram-me feminista, disse que não; chamaram-me espiritista, disse que não; chamaram-me curandeirista, disse que não; quer dizer, cada vez que faço um trabalho, há sempre uma reacção. Qualquer dia gostaria de publicar *O diário de um assassino*, só espero que me chamem assassina. Resumindo, **a nossa sociedade não sabe lidar com quem escreve de uma forma diferente**. Infelizmente, nos países recém-independentes, a literatura não é um espaço de liberdade. No meu caso, por exemplo, tinha que escrever de acordo com as mil autoridades que o país tem. É a igreja, a política ou as pessoas, tenho de as escrever bonitas porquê? Quero a liberdade de poder mostrar a sociedade o lado positivo e negativo das coisas e não escrevo para agradar a ninguém³⁵.

Em sua obra *O Canto dos Escravizados*, Paulina Chiziane apresenta sete livros que trazem diversos “poemas”³⁶ de anúncios e denúncias, poemas que tecem perspectivas filosóficas de resistência, liberdade, pertencimento, enraizamento, escrevivências de afirmação e cura. Escrevivências tecidas pela escuta sensível para a cura e o *transformar*, encantamento.

³⁵ Chiziane, 2016, on-line, grifos meus.

³⁶ Paulina Chiziane antes do sumário do livro escreve o seguinte: “Com estes versos escravizados, remontamos à raiz de todos os conflitos. / São versos livres, tristes, alegres, musicados, para ritmar a dança da história. / *Qualquer semelhança com a poesia é pura coincidência!*”

Nesse texto escolhi apenas dois poemas, o que abre esse ponto e o que finaliza, nos convidando a nos afirmar, afinal, esse é o maior chamado das filosofias africanas, afrorreferenciadas!

Afirma-te

I

A liberdade veio da luta e do sangue
Nunca foi dádiva. Alcança-se, perde-se, eclipsa-se
É fugaz como a gota de água na palma da mão
Aprende a segurá-la. A amá-la. A conquistá-la

Conheça as suas manhãs e os seus pontos de fuga
Persiga-a, proteja-a se queres ser um homem livre
Os teus adversários lançarão sobre ti vultos e fantasmas
Para reduzir e até eliminar a tua força de combate

Afasta-se das tagarelices do mundo sobre a tua raça
São para te assustar, cegar e não encontrares o caminho
Aprende do outro mas age como queres, como pensas
Os adversários sentirão a tua firmeza e respeitar-te-ão

Os filhos dos antigos opressores julgam-te um ser menor
Com julgamentos maus colocam aridez na tua mente
Mostra a tua dignidade e livra os ouvidos das palavras más
E verás como irão corrigir a sua maneira de ver o mundo

II

Quantas vezes não vacilamos por causa das falas do mundo?
Quando sentires medo, respira fundo e recobra a coragem
Desde para dentro de ti e procura as razões da tua luta
Deixa a liberdade guiar o teu espírito até o coração do infinito

Livros que não se fecham ou para não acabar

As filosofias servem para desenvolver nossas capacidades cognitivas, para refletir sobre a vida, sobre nosso ser/estar no mundo, sobre nos afirmar, reivindicando nossas dignidades, nossas liberdades. Sendo assim, é possível filosofar sem os sentidos que atravessam e são atravessados por nossos corpos? Penso que a literatura dessas mulheres nos convida a filosofar de corpo inteiro, convida-nos a sentir; afinal é nossa experimentação

com e no mundo que nos permite aprender / ensinar / sentir / ser / fazer. Como nos ensina Conceição Evaristo por meio de Ponciá Vicêncio:

não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser³⁷.

Nesse sentido, essa literatura nos propõe a filosofar de corpo inteiro em um movimento próprio de quem pensa desde e com seu território, com os seus, assim, potencializa seus valores, seus saberes, suas culturas e dobras do tempo. Encanta-se! Pensa e produz filosofia desde modos de vida próprios de nossos territórios; desde o centro da terra, nossas raízes e nosso pertencimento. Desse modo, traz perspectivas de corpo inteiro para nos pensar no mundo, repensar a pluralidade de vozes e do falar / dizer, pensar / criar perspectivas educacionais e filosóficas antirracistas, antissexista.

A filosofia em sua pluralidade deve mobilizar a vida, ser viva, portanto, dialogar com quem está entre nós. Nesse sentido, é fundante o diálogo, a troca, a encruzilhada com a literatura como uma forma de dinamizar essa vivacidade tão urgente. Nas palavras de Vanda Machado, “a compreensão de nós mesmos e do lugar onde celebramos a ancestralidade renova a vida de velhos e novos”³⁸. O diálogo constante entre pessoas novas e velhas é movimento de encantamento, pois “o que não se renova e não se recria continuamente apodrece e morre. É preciso mover-se e se aquecer sempre para manter aceso o pavio da vida”³⁹. O encontro da filosofia com a literatura renova nossos processos filosóficos. Sabedoria que renasce com vestes de diamantes⁴⁰. Filosofia da sagacidade, corrente da filosofia africana que “apresenta um sistema de pensamento baseado na sabedoria e nas

³⁷ Evaristo, 2017, p. 110.

³⁸ Machado, 2013, p. 50.

³⁹ Machado, 2013, p. 110.

⁴⁰ Machado, 2020.

tradições dos povos, sendo, basicamente o reflexo de uma pessoa reconhecida como “sábua” e pensadora dentro da comunidade, uma pessoa conhecedora dos saberes do seu povo”⁴¹.

A sabedoria está no modo como experienciamos e tecemos reflexões acerca de nossas experiências. Portanto, a literatura dessas mulheres é convite para filosofarmos em torno do nosso chão e, assim, contracolonizar. Isso acontece pois, apenas nós mesmas, nosso povo, pode reeditar nossas trajetórias, posto que nos constituímos desde territórios ancestrais, circulares, plurais, politeístas⁴².

Tais pensadoras, Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, carregam em suas obras questões importantes em torno das opressões oriundas do racismo, do sexismo, do classicismo, discutindo, assim, questões pertinentes às tríades raça, gênero e classe. Tensionando o conhecimento, a própria literatura, com intuito de promover superações, assim, a literatura / teoria, sempre encruzilhada com ações de resistências, re-existências, libertação e cura! Pois que nossas escritas são sempre movimentos de resistências e re-existências, ativismos próprios de nosso feminino e de nossas lutas antirracistas e antipatriarcais, reconstituindo-nos em comunidade e no amor. O amor aqui é político, comunitário, ancestral e encantado. Precisamos escrever, também, sobre amor, porque escrever é um ato político; filosofar escrevendo é um ato político de libertação e reconstrução de nossas dignidades!

Essas escrevivências, falas/escritas, são encantadas, posto implicarem-se com a transformação social, desde/com o *transforamar*. São falas/escritas políticas, ativistas, filosóficas, poéticas... São escritas com nome e sobrenome, pois sabemos que “o colonialismo nomina todas as pessoas que quer dominar”⁴³, entretanto, não dão sobrenome, pois “o sobrenome é o que expressa o poder. O nome coisifica, o sobrenome empodera” (Ibid), e o nome que dão é carregado de negação, desvalorização e dominação. Do contrário, a Escrevivência oriunda das esteiras ancestrais femininas é ato de dar nome e sobrenome ancestrais, de fortalecer o pertencimento, o enraizamento.

⁴¹ Machado, 2019, p. 81.

⁴² Santos, 2018, on-line.

⁴³ Santos, 2018, on-line.

Filosofar desde / com a literatura negra é um constante movimento de desconstrução/contracolonização do racismo, do sexismo; é movimento de cura, caminhando desde processos históricos, perpassando contextos sociais e as próprias experiências, as próprias escrevivências que são estendidas ao seu entorno, as escutas *no/do mundo*, pois somos constituídas de memórias coletivas. Nosso pensamento é tecido, movimentado pela oralidade, portanto, é pensamento e saber orgânico, pois é saber da terra, da natureza, “se desenvolve desenvolvendo o ser”⁴⁴. É sementeira... sabendo que “a gente semeia e é preciso esquecer a vida guardada debaixo da terra, até que um dia, no momento exato, independentemente do querer de quem espalhou a semente, ela arrebenta a terra desabrochando o viver”⁴⁵. O esquecer aqui é o tempo do amadurecer.

A escrevivência oriunda do pensamento literário de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane implica com a reescrita da nossa história, desde a esteira. Reescrita que se dá forjada por nossas memórias ancestrais, pois “mesmo que queimem a escrita, não queimam a oralidade, mesmo que queimem os símbolos, não queimam os significados, mesmo que queimem os corpos, não queimam a ancestralidade. Porque as nossas imagens também são ancestrais”⁴⁶. E mais:

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade⁴⁷.

Nesse sentido, as tessituras filosóficas oriundas das escrevivências literárias, dos saberes ancestrais femininos de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, acordam a casa grande contracolonizando, pois que se implicam em reconstruir esse mundo com o pensamento que se dá desde/com a natureza, ou seja, a terra, a água, o ar, o fogo. Nascer, desabrochar de todas as coisas. Filosofar é anúncio próprio dos alinhavos do nosso escreviver! Escrever está para além das letras em um papel. Nossos olhares escrevem

⁴⁴ Santos, 2018, on-line.

⁴⁵ Evaristo, 2017, p. 91.

⁴⁶ Santos, 2018, on-line.

⁴⁷ Evaristo, 2020, p. 35.

nossos sentidos, nossos corpos escrevem nossos encantos, nossas peles, nossos cabelos, nossos pés... caminhamos escrevendo sentidos do e para o mundo... por isso escrevemos.

Quando Conceição Evaristo afirma que a oralidade a ensinou a olhar o entorno, a ouvir, a perceber o mundo, entendemos que esse é um papel fundante da filosofia: olhar o entorno, ouvir o mundo, aprender com nossos sentidos e tecer filosofias encantadas.

Por isso afirmo: escutem a ancestralidade que o/a habita, reconheça seu centro da terra, o feminino que te alimenta e o/a permite ser, que cura, por isso encanta! Entrelacem, crocheteiem seus sentidos, suas experiências, suas escrevivências com suas teorias. Não esqueçam:

*“Somos a esperança e o futuro que se avizinha
Somos a nova semente no ventre do amanhã
Seremos árvore sagrada de raízes seculares
Cujos ramos tangerão o umbigo do infinito”*

Somos tempo...

Referências Bibliográficas

BANKOLE, Katherine. Mulheres africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

CHIZIANE, Paulina. [Primeira mulher africana a receber o Prêmio Camões, Paulina Chiziane disse que língua portuguesa precisa ser “descolonizada”](https://mundonegro.inf.br/primeira-mulher-africana-a-receber-o-premio-camoes-paulina-chiziane-disse-que-lingua-portuguesa-precisa-ser-descolonizada/). Reportagem: Michel Fonseca, maio, 2023. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/primeira-mulher-africana-a-receber-o-premio-camoes-paulina-chiziane-disse-que-lingua-portuguesa-precisa-ser-descolonizada/>. Acesso em Julho de 2023.

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... por uma nova visão do mundo**. 2ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

CHIZIANE, Paulina. **Não haverá filosofia africana a partir de um livro da Europa**, 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-havera-filosofia-africana-partir-de-um-livro-da-europa/>.

EVARISTO, Conceição. “Elite intelectual é burra e não percebe a riqueza da pluralidade”, diz Conceição Evaristo. Entrevista concedida a José Eduardo Bernardes, Brasil de Fato, 09 de Agosto de 2021. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/09/elite-intelectual-e-burra-e-nao-percebe-a-riqueza-da-pluralidade-diz-conceicao-evaristo#:~:text=isso%20tamb%C3%A9m%20incomoda.-,Eu%20acho%20que%20a%20elite%2C%20n%C3%A3o%20todos%2C%20mas%20a%20elite,temos%20nessa%20pluralidade%20de%20vozes>. Acesso em julho de 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrituragem e seus subtextos. In: DUARTE, Conceição Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrituragem**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “O que nós conquistamos não foi porque a sociedade abriu a porta, mas porque forçamos a passagem”. Entrevista Concedida a Kamille Viola. **Revista Marie Claire**, Maio de 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passagem.html>. Acesso em 26 de maio de 2018.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial’. Entrevista concedida a Fernanda Canofre para o **Sul 21**, Maio de 2018b. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Acesso em 05 de maio de 2018.

EVARISTO, Conceição. Destaque: Conceição Evaristo. Entrevista concedida a Ademir Pascale. **Conexão Literatura**. Junho, 2017, N° 24.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Por uma filosofia do ser-tão. **Revista Cult**. Julho 2021, Edição 271.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femininos: útero do mundo. *Le Monde Diplomatique – Brasil*. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mundo/>. Acesso em 03 de Novembro de 2020.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de libertação desde o ser-tão que há em nós. **Revista da ABPN** • v. 12, n. 31 • jan – fev 2020, p. 27-47.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento. Número Especial “Filosofia Africana: pertencimento, resistência e educação”: **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 10. n. 2, p. 56-75, 2019a.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades**. Fortaleza: Imprece, 2019b.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: Poéticas de Encantamento para Metodologias e Currículos Afrorreferenciados**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 268p, Fortaleza, 2019.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.